

SAUDADE DE CLÓVIS MONTEIRO¹

Olmar Guterres da Silveira
UFF/UERJ

Se o tripé pode ser o ícone representativo da estabilidade, do equilíbrio, da segurança, da firmeza; se assim é, o tripé da minha longa – ou teria sido curta – experiência de adolescente no Internato do Colégio Pedro II foi constituído por João Baptista Mello e Souza, por Quintino do Valle e por Clóvis Monteiro.

Cada qual com seu jeito especial de ser, contribuíram todos para a minha formação: foram o Mestre, o exemplo, o Pai. A homenagem que preste a um deles há de ser, certamente, homenagem tríplice.

Clóvis do Rego Monteiro nasceu em Fortaleza, aos 10 de setembro de 1898 e faleceu, vítima de longo sofrimento, aos 13 de julho de 1961, no Rio de Janeiro.

Erudito, profundo e claro na exposição de suas idéias, a relação de suas Teses de Concurso espelha a trajetória que seguiu no magistério, e ensaja o conhecimento da atualidade e pertinência da bibliografia.

Morfologia e Sintaxe do Substantivo na Língua Portuguesa, de 1920, foi apresentada à Escola de Aprendizes Marinheiros de Fortaleza; por dificuldades de interpretação burocrática, não foi a Tese submetida a exame.

Português da Europa e Português da América, de 1926; na verdade, sob este título se reproduzem as duas Teses apresentadas a Concurso, a que se anexou um suplemento sobre Ortografia: *Da Tendência Analítica na Evolução do Idioma e Influência do Tupi*.

Traços do Romantismo na Poesia Brasileira, de 1929. Tese apresentada a Concurso para Cátedra de Literatura, recém-criada no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. E, por fim, *A Linguagem dos Cantadores*, de 1933. Tese com que obteve da Congregação cabal aprovação, ao contrário do que acontecera em 1926, quando a indicação de primeiro lugar coubera a Quintino do Valle. Clóvis Monteiro escreveu as Teses aqui citadas com excelência de doutrina e grande propriedade de bibliografia, o que lhe garante lugar de renome, como escritor seguro e atualizado.

Deixou-nos ainda *Nova Antologia Brasileira*, livro escolar que veio substituir a já desgastada *Antologia Nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, não por lhe negar o valor que a vetustez assegurara, mas por tornar mais leve e interessante a seleção e apresentação de textos. É curiosa a inserção de páginas em que o Autor examina as características da língua literária segundo o estilo de época. Outra observação de alto interesse está no capítulo em que estuda o poeta cearense José Albano, um quinhentista da século XX.

Ortografia da Língua Portuguesa;
Fundamentos Clássicos do Português do Brasil.

Neste livro o Autor desenvolve, com linguagem clara e elegante, com verdadei-

1-Texto apresentado em Sessão de Comemoração da Fundação do Centro Filológico Clóvis Monteiro.

ra visão científica, o tema que a obra propõe. Finalmente, esgota-se o elenco das obras publicadas de Clóvis Monteiro com *Esboços de História Literária*, obra de alto valor, e de valioso conteúdo didático.

Veio Clóvis Monteiro a exercer o magistério universitário, na PUC, no Instituto Santa Úrsula, e na Fac. de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto La Fayette, germe da atual UERJ. A administração pública contou com o seu concurso, já na direção da Escola secundária do Instituto de Educação, já na direção do Internato do Colégio Pedro II, já na Secretária de Educação da municipalidade do Rio, sendo Prefeito o Gen. Ângelo Mendes de Moraes. Em algumas destas atividades é possível reconhecer o Homem Clóvis Monteiro, preocupado com o estado social dos que dependem dele. Assim, na Prefeitura do Distrito Federal, criou os Ginásios Industriais, unidades profissionalizantes a que deu força a alimentação gratuita; como muito bem resumiu o Prof. Jairo Dias de Carvalho em bela página sobre a vida e a obra de Clóvis Monteiro, esta deliberação traduzia uma filosofia de administração escolar: primeiro alimentar, para depois ensinar. No Colégio Pedro II punha em prática, juntamente com o Gigante daquela Instituição, o Diretor do Externato, Raja Gabaglia, a permissão legal de nomear Inspetores de Alunos aqueles ex-alunos que, assim, tinham o honesto provento que lhes permitia fazer frente às despesas do Ensino Superior; outros, que mostravam pendor para o magistério, vieram a ser nomeados Auxiliares de Ensino, como é o caso do autor destas linhas, que serviu àquela Casa por 44 anos. Para mostrar com exatidão quem foi Clóvis Monteiro justo e bom, reservo-me o prazer de narrar algo maravilhosamente definidor daquelas qualidades. Passo a contar-lhes uma história verdadeira...

Niel [Niel Aquino Casses] era aluno do Internato, com a Família residente no Rio Grande do Sul. Vivia, pois, o Niel no Colégio o tempo todo, sem qualquer Responsável no Rio, Temperamento brincalhão, *moleque*, como carinhosamente se podia apelidar a inteligente alegria, sua brincadeira constante contagiava todos os circunstantes. Certo dia, veio-lhe, não sei como, a idéia de uma *molecagem* digna de aplausos. Alguns alunos sabiam, por informações boca-a-boca; outros saberiam no momento... O belo prédio de São Cristóvão onde ficava o Internato tinha, em toda a volta, uma platibanda, que sustentava, na fachada, quatro figuras típicas da arquitetura clássica: mulheres em trajes guerreiros. E Niel ia fingir-se de sonâmbulo... e cumprir a promessa. Foi uma farra!... É difícil imaginar a alteração que perturbou, aquela noite, o sono do Internato... Finalmente, após muitas execrações, muitos gritos, muitas ordens daqui e dali, finalmente a paz reapareceu e o Niel já antecipava a medo os castigos imagináveis. No dia seguinte, lá pelas nove, nove e meia, fomos chamados à presença do Diretor, já inteirado do fato pelo Chefe-de-Disciplina. Fomos os dois admitidos, porque o permitia a nossa situação à frente do Grêmio Literário Mello e Souza. Lembro-me como se fosse ontem:

– Que me diz a respeito do que aconteceu? O senhor fez isso?

E o Niel, pesando lá consigo a inutilidade de negar,

– Fui eu, sim Senhor!

Eu, por mim, tive nessa ocasião a mais certa das certezas: aquele semblante irritado, certo tremor a traduzir a imposição da disciplina... tudo me repetia aos ouvidos:

O Niel vai ser expulso!

Mas, de repente, numa fração de segundo, a fisionomia mudou! As lágrimas abrandaram o rosto severo e ouviu-se em tom balbuciante:

E se você cai, e morre, menino, que é que eu vou dizer a seu pai?

Saudade do Professor... Saudade do Administrador... Saudade de Clóvis Monteiro...
